

# A PRODUÇÃO CERÂMICA NA 2.<sup>a</sup> METADE DO 5.<sup>o</sup> MILÉNIO AC

## O CONJUNTO DO MONTE DA FOZ 1 (BENAVENTE, PORTUGAL)

**CÉSAR NEVES** Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, [c.augustoneves@gmail.com](mailto:c.augustoneves@gmail.com)

**RESUMO** Apresentam-se, numa perspectiva descritiva, os principais resultados da análise tecno-tipológica realizada sobre os recipientes cerâmicos da ocupação neolítica do Monte da Foz 1. Trata-se de um conjunto artefactual bastante homogéneo e pouco diversificado no seu quadro tipológico. As fases identificadas do seu processo tecnológico terão sido desenvolvidas no espaço de ocupação ou em áreas limítrofes do sítio.

A presença maioritária de cerâmica lisa e o peso significativo de recipientes cerâmicos decorados com uma linha incisa abaixo do bordo são indicadores indirectos de que a ocupação do Monte da Foz 1 terá tido lugar nos finais do 5.<sup>o</sup> milénio AC.

Tendo como ponto de partida o estudo concreto de um conjunto cerâmico registado num espaço doméstico, o presente texto pretende, igualmente, contribuir para o conhecimento acerca da produção de recipientes cerâmicos numa fase evoluída do Neolítico antigo, em transição para o Neolítico médio.

**PALAVRAS CHAVE** Cerâmica, Tecnologia cerâmica, Monte da Foz 1, Neolítico antigo, Neolítico médio

**ABSTRACT** The aim of this text is to present the main results of the analysis of the pottery production from the Neolithic settlement Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal). This pottery set is quite homogenous with poor typological diversity. The identified phases of their technological process suggest that they were developed in the settlement area or in neighboring zones.

The large presence of undecorated pottery and the significant presence of decorated sherds with an incised line below the rim allowed put the human occupation of Monte da Foz 1 by the end of the 5th millennium BC.

The full study of this collection is a contribution to the understanding of the pottery production during the late phases of the Early Neolithic, in transition to the Middle Neolithic, between the 2nd half of the 5th millennium and the beginnings of the 4th millennium BC.

**KEYWORDS** Pottery, Pottery technology, Monte da Foz 1, Early and Middle Neolithic

### INTRODUÇÃO

Perante a escassez de matéria orgânica e ecofactos no registo arqueológico, a análise da cultura material tem um peso determinante na caracterização das comunidades humanas da segunda metade do 5.<sup>o</sup> milénio no ocidente Peninsular, particularmente na definição cronológica e reconstituição dos subsistemas económicos e sociais.

O sítio Monte da Foz 1 apresenta-se com mais um exemplo desta situação, onde a classificação crono-cultural decorreu da análise tecno-tipológica da componente artefactual, e da caracterização da tipologia funcional e estratégia de ocupação, enquadrando a ocupação no final do Neolítico antigo/Neolítico médio inicial (Neves, 2010).

Este texto corresponde à análise de um conjunto cerâmico específico, gerando um grupo de dados que ultrapasse uma visão meramente cronológica, alargando o

questionário, indo ao encontro dos elementos culturais e patamar socioeconómico de uma comunidade, produtora de um aparelho cerâmico para um ou múltiplos fins. A descrição e classificação dos materiais tiveram como objectivo a definição do Processo Tecnológico e a Análise Tipológica e a caracterização dos Sistemas de Utilização dos recipientes cerâmicos. A estes propósitos, juntam-se a referência aos pressupostos teóricos, Metodologia e Critérios de Análise que nortearam o estudo, desde da Selecção da Amostra à sua Classificação. Este estudo pretende ir ao encontro da necessária Normalização dos procedimentos tecnológicos e teóricos de análise. A ausência de regularização dos métodos de estudo e respectivas terminologias artefactuais tem contribuído para uma dispersão de estudos artefactuais que, orientados segundo as motivações particulares de cada investigador, criam, no caso específico do Neolítico, dificuldades de análises comparativas e de compreensão a uma escala supra-regional.

### MONTE DA FOZ 1: BREVE DESCRIÇÃO DO SÍTIO

Em 2005, uma das fases da intervenção arqueológica no sítio Monte da Foz 1 consistiu na escavação manual de 5 sondagens (20 m<sup>2</sup>), registando-se um nível de ocupação preservado que corresponderá a um único momento ocupacional.

O sítio localiza-se, administrativamente, em Portugal, no distrito de Santarém, freguesia e concelho de Benavente, situando-se na margem esquerda do Baixo rio Tejo. Esta região corresponde a uma planície aluvial composta por depósitos de sedimentos finos de origem fluvial, marinha e continental. Neste espaço, a evolução Plistocénica caracteriza-se pelo desenvolvimento de Terraços, com a localização topográfica específica do Monte da Foz 1 a situá-lo na área de terraço Q4 de Benavente, cujas altimetrias variam entre os 8-15 m (Zbyszewski e Ferreira, 1968).

O espaço de implantação do Monte da Foz 1 caracteriza-se como uma área aberta, plana, de substrato arenoso, baixa altitude (11 m) e sem quaisquer condições naturais de defesa. Relativamente aos recursos naturais, terá beneficiado da proximidade com as ribeiras do Sorraia e Almansor, afluentes de um curso principal, o Tejo, também ele, à data da ocupação, muito próximo do sítio (figura 1).

Esta área define-se pelo paleo-estuário do Tejo, formado aquando da transgressão flandriana, procedendo a fortes alterações no rio e seus tributários, alcançando o seu máximo em ±5000 BP (Daveau, 1980). Durante o Neolítico, o ambiente estuarino proporcionaria um ecossistema diversificado, de elevado potencial biótico,

passível de ser adquirido através de práticas de caça, recolção e pesca. Esta situação terá sido determinante na implantação do habitat, em que a especificidade da estratégia de ocupação neste território se desenvolveria “moldada” aos recursos naturais existentes, eventualmente, integrado numa rede de povoamento que incluiria sítios de outra natureza funcional e dimensão. A riqueza económica deste espaço específico contrastaria com a débil aptidão dos solos (com alto teor de salinidade), para eventuais práticas agrícolas. Face à tipologia funcional da ocupação, a agricultura terá tido um peso menor na “balança económica” do grupo.

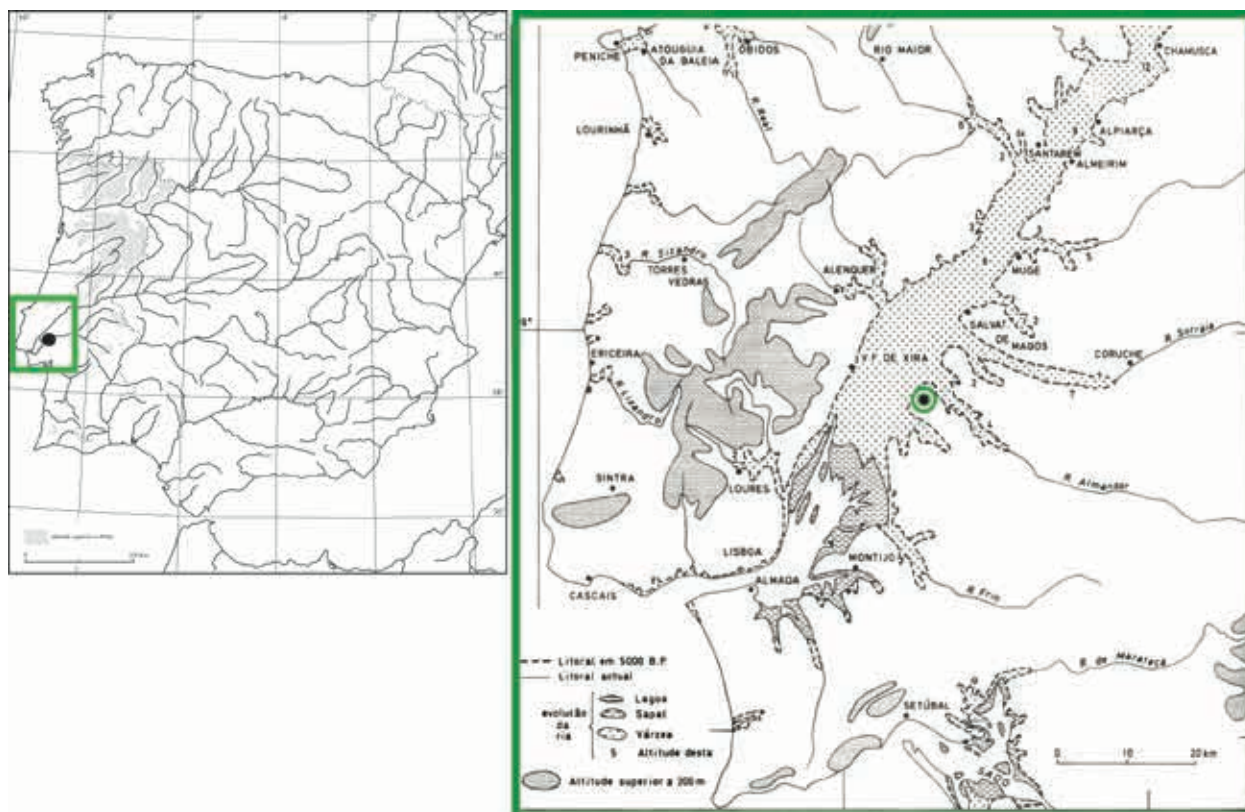
O Monte da Foz 1 integra-se numa tipologia de sítios, culturalmente relacionados com as etapas iniciais da Neolitização, mais comum no território português: habitats temporários de curta duração.

### CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA: DIMENSÃO, DESCRIÇÃO E CONTEXTO DE RECOLHA

O conjunto de materiais em cerâmica do Monte da Foz 1 é formado por 2 563 fragmentos de recipientes de produção manual, e por 9 objectos cilíndricos de funcionalidade indeterminada.

### RECIPIENTES CERÂMICOS: SELECÇÃO, METODOLOGIA E OBJECTIVOS DO SEU ESTUDO

Embora se reconheça que cada conjunto tenha a sua identidade, referente ao espaço crono-cultural e geográfico em que foi produzido e ao contexto em que foi identificado e recolhido, é indispensável disciplinar o



1. Localização do Monte da Foz 1 na Península Ibérica (base cartográfica: Daveau, 1980; Gonçalves, 1989 – adaptado).

discurso arqueológico, facilitando estudos comparativos e a compreensão de conjuntos artefactuais estudados por outros autores. Nesse sentido, neste estudo adoptou-se os critérios de análise utilizados por Mariana Diniz para os artefactos cerâmicos da Valada do Mato (Diniz, 2007, p. 119-142). Esta estrutura, entretanto seguida por outros investigadores (Carvalho, 2007), permite uma análise que parte de pressupostos metodológicos produzidos em trabalhos generalizantes (Eiroa *et al.*, 1999; Caro, 2002), ou em reflexões onde a análise de conjuntos cerâmicos pré-históricos se destaca (Seronie-Vivien, 1982; Gonçalves, 1989; Simões, 1999). Adicionaram-se, ainda, elementos de classificação mais concretos (enquadrados em certas especificidades dos elementos do conjunto em análise), de estudos do Neolítico em Portugal (Monteiro-Rodrigues, 2011), ou sobre as primeiras produções cerâmicas, recentemente efectuados (Cubas, 2011), actualizando os planos de análise. Perante 2 563 fragmentos, impunha-se a inevitável selecção da amostra a estudar, para que fosse representativa do conjunto, possibilitando a sua caracterização e definição tecno-tipológica.

Após lavagem de todos os elementos, os fragmentos de bojo sem qualquer tipo de decoração ou elementos de prensão e/ou suspensão (e.p.s), foram contabilizados e pesados por contexto de proveniência. Os elementos com uma espessura maior relativamente à generalidade do conjunto foram medidos para auxiliar na definição da dimensão dos recipientes.

A triagem gerou um subconjunto com todos os fragmentos portadores de informação culturalmente significativa, a fim de serem descritos, individualmente, numa ficha de inventário elaborada para o efeito. Integrados nesta amostra estão todos os bordos, bojos com decoração, fundos, e os e.p.s isolados.

O subconjunto integra 243 registos, correspondendo a 261 fragmentos. A presença de maior número de fragmentos relativamente ao número de registos deve-se à colagem entre alguns bordos e bojos de uma mesma peça. Todos os fragmentos descritos foram desenhados, tendo em vista a sua caracterização tipológica.

## DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Do total de 2 563 fragmentos, 232 pertencem a bordos, 2 329 são bojos, 1 foi classificado como fundo e 1 relaciona-se com um e.p.s., aparecendo isolado do seu recipiente original (figura 2).

Estado	Bordo	Bojo	Fundo	Asas	Total
Nº de fragmentos	232	2329	1	1	2563
Nº de fragmentos descritos	232	9	1	1	243

2. Inventário Geral da Cerâmica do Monte da Foz 1

Mesmo perante um conjunto de reduzida dimensão, foi impossível definir o número mínimo de recipientes. O grau de fragmentação do material (1 180 elementos com dimensão inferior a 2 cm), o número de fragmentos lisos e a dispersão espacial que estes elementos sofrem em habitats abertos não permite, com mínima fiabilidade, estimar o número de contentores presente na amostra estudada.

## ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DAS ARGILAS

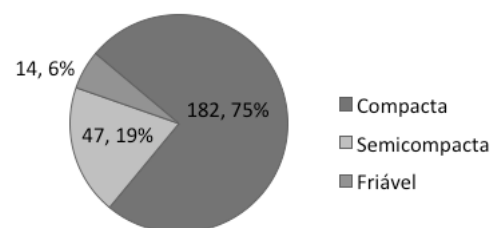
Embora, até ao momento, a análise aos artefactos tenha excluído análises arqueométricas, a observação macroscópica forneceu informação quanto à composição e origem das argilas empregues no processo de manufactura dos recipientes cerâmicos.

As argilas identificadas coincidem com os barreiros observados em áreas limítrofes do sítio arqueológico. Através da observação directa de taludes em áreas até cerca de 2 km do Monte da Foz 1, registou-se a presença de barros/argilas idênticos aos das pastas dos recipientes. Estas argilas foram recolhidas e transformadas em barro, comprovando a sua plasticidade, para moldar as formas utilizadas e produzidas no Monte da Foz 1. As matérias-primas identificadas nas pastas são, portanto, locais, estando o quartzo e feldspato presentes, combinados ou individualmente, em todos os exemplares registados. O equilíbrio percentual entre o número de elementos não plásticos (e.n.p.) na composição das pastas, bem como a ausência de associação entre o número de e.n.p. e a produção de formas cerâmicas particulares, deixa perceber que a obtenção das argilas e a aplicação dos desengordurantes não obedeceria a nenhum critério rigoroso e planificado.

## PASTAS

Quanto à homogeneidade, os recipientes apresentam, no geral, pastas compactas, situação observada em 182 exemplares. As pastas semi-compactas ocorrem em menor número, em 47 exemplares, surgindo, de forma residual, as pastas friáveis em 14 exemplares (figura 3). Relativamente ao número de e.n.p., 96 peças possuem-no em número abundante, 80 em número razoável e 67 em número escasso. A presença exclusiva de e.n.p. finos ocorre em 47 exemplares, de finos e médios em 61 registos, sendo o grupo mais representado, com 127 registos, o das pastas com e.n.p. finos, médios

## Homogeneidade das pastas



3. Homogeneidade das pastas.

e grandes. Em número muito residual, em apenas 8 exemplares, registaram-se as pastas com uso exclusivo de e.n.p. de grandes dimensões.

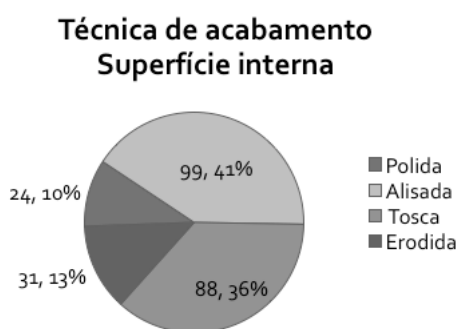
A utilização das matérias-primas caracteriza-se, por norma, pela aplicação conjunta das mesmas, sendo pouco frequente o uso de forma individualizada. Resume-se, a 29 peças, o uso exclusivo do quartzo, e de feldspato, somente, a 3. O grupo maior, presente em 117 peças, reporta-se à aplicação conjunta de quartzo e feldspato. Registou-se em 94 casos, a aplicação de mica, juntamente com quartzo e feldspato.

### ACABAMENTOS DE SUPERFÍCIE

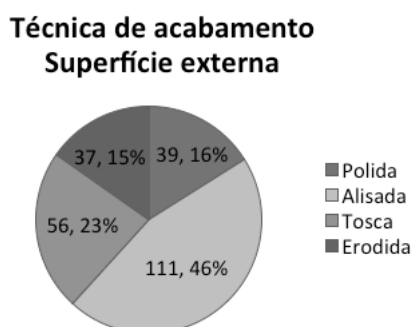
O conjunto caracteriza-se por uma homogeneidade de aplicação de acabamentos entre a superfície interna e externa.

As superfícies internas encontram-se polidas em 24 casos, estando esse polimento feito sobre aguada em 2 peças. O grupo mais representado, com 99 casos, corresponde aos exemplares a que foi dado um alisamento da superfície. Em 2 casos, esse tratamento foi realizado sobre aguada. Registam-se 88 exemplares sem qualquer tipo de tratamento, afigurando-se como toscas, restando 31 peças com as superfícies erodidas.

À semelhança das superfícies internas, na face externa domina o alisamento, identificado em 111 casos, processando-se sobre aguada em 2 fragmentos. As superfícies externas apresentam-se polidas em 39 exemplares, ocorrendo num caso, o polimento sobre aguada. Registaram-se 56 superfícies externas sem qualquer tipo de tratamento, apresentando-se toscas, e 37 em que não foi possível observar o cuidado dado à superfície, estando erodidas (figuras 4 e 5).



4. Técnica de acabamento – Superfície interna.



5. Técnica de acabamento – Superfície externa.

### COZEDURA

Sem o recurso a arqueometria, a observação da cor dominante, conservada na superfície externa e nas fracturas, foi o indicador utilizado na tentativa de caracterização do ambiente da cozedura e arrefecimento (Silva e Soares, 1976-1977), mesmo reconhecendo as limitações que este processo implica.

Parece verificar-se uma clara predominância dos recipientes processados em ambientes redutores, observados em 215 exemplares, sendo que a sua maioria, 146 casos, tiveram um arrefecimento oxidante. Em menor número, observam-se as cozeduras integralmente oxidantes, em 25 exemplares, sendo residual o número de cozeduras processadas em ambiente oxidante com arrefecimento reductor, em 3 peças.

Não parecem existir afinidades nítidas entre a homogeneidade das pastas, número e dimensão de e.n.p. e acabamentos de superfície. Mesmo em recipientes decorados, não houve um cuidado especial relativamente ao tratamento das superfícies, verificando-se todas as situações possíveis, sem prejuízo da qualidade dos motivos e técnicas decorativas aplicadas.

A homogeneidade do conjunto parece indicar que não existiria uma selecção de tipos específicos de argila, para a manufatura de recipientes específicos do ponto de vista formal e/ou funcional.

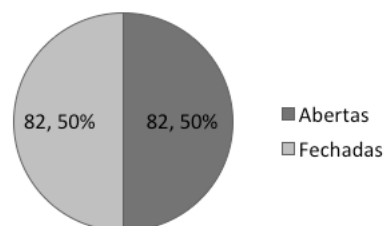
### ANÁLISE TIPOLÓGICA

No conjunto de 232 bordos, aferiu-se a orientação geral do recipiente em 164 casos, correspondendo a mais de 70% da amostra.

As formas fechadas correspondem a 81 fragmentos, as formas abertas a 66, as paredes rectas a 16, e as de colo diferenciado a um único elemento. Para simplificar a leitura estatística que compara a presença de formas abertas e fechadas do conjunto, incluíram-se as paredes rectas no conjunto das formas abertas e, os vasos de colo no conjunto das formas fechadas (figura 6).

Na definição funcional e tipológica do recipiente, os principais indicadores levados em maior consideração foram a dimensão e a capacidade do recipiente. O diâmetro da abertura e o diâmetro do bojo foram os valores de referência na caracterização das dimensões dos recipientes. Esta opção metodológica resulta da ausência de fragmentos com o perfil completo, situação

### Orientação das formas



6. Orientação das formas.

comum aos escassos contextos de habitat intervencionados, e da escassez de quadros tipológicos deste espaço crono-cultural, dificultando a procura de elementos para comparação.

Assim, face à necessidade de padronizar os valores tipológicos que permitam contrastar com outros conjuntos, recorreu-se ao cálculo realizado no grupo cerâmico da Valada do Mato, que classifica a dimensão dos recipientes (pequenos, médios e grandes), partindo da correlação entre os diâmetros internos da abertura e os diâmetros dos bojos (Diniz, 2007, p. 125-127).

A classificação da dimensão foi possível em 110 peças. As medidas verificadas do diâmetro interno da abertura estão compreendidas entre os 65 e os 345 mm.

O conjunto é dominado por formas médias e de pequena dimensão, deixando num plano residual a classe de grandes contentores. Os recipientes de média dimensão são a classe mais representada, em 85 casos, os grandes recipientes ocorrem em 19 peças e os pequenos recipientes em, somente, 6 (figura 7). A percentagem de pequenos e grandes contentores corresponde a 22% do total do conjunto, número coerente com classes escassamente representadas. No entanto, surgem mais de uma dezena de recipientes com diâmetros internos de abertura com dimensões entre 10 e 13 cm, isto é, mais próximos das medidas médias dos pequenos recipientes do que das medidas médias dos recipientes de média dimensão.

Nos bojos, registaram-se espessuras entre os 4 e os 15 mm. Predominam as paredes com espessuras finas, entre os 6-8,9 mm, em 153 recipientes (63% do conjunto), seguindo-se as muito delgadas, entre os 4-5,9 mm, com registos em 55 recipientes (23%). As paredes espessas, entre 9 e os 12,9 mm, representam 12% do conjunto, enquanto as paredes muito espessas compreendem, apenas, 2% dos exemplares (figura 8).

A elevada presença de espessuras finas e delgadas vai ao encontro do número maioritário de registos de recipientes de média dimensão. Tal como ocorre com os grandes contentores, as paredes espessas e muito espessas têm uma frequência muito baixa no conjunto.

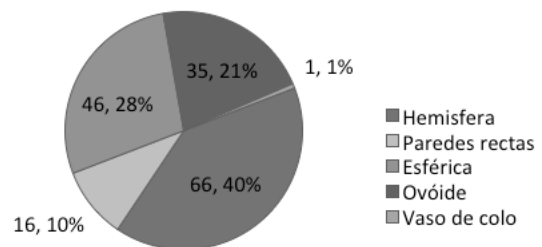
As paredes terminam em bordos morfologicamente simples. Estes apresentam-se arredondados em 148 casos e, em 52, biselados. Bordos com forma aplanada ocorrem em 32 peças. Quanto à sua orientação, 118 bordos caracterizam-se como rectos, ocorrendo, de forma regular, a apresentação de inflexões simples, quer de maneira extrovertida, em 66 peças, quer introvertida, em 48 casos.

### CATÁLOGO DE FORMAS

Os materiais do Monte da Foz 1 foram enquadrados num catálogo de formas que, de forma explícita, pretende designar a morfologia do recipiente, a partir da figura geométrica que melhor o identifique. Mesmo tendo em conta as limitações resultantes de uma produção manual que, por vezes, confere características de excepção a um recipiente, o catálogo pretende impor uma tabela tipológica comum, que seja linear e de rápida apreensão.

As formas mais registadas são a hemisférica, em 66 exemplares, a esférica, em 46 e a ovóide, com 35 fragmentos. Residualmente, surgem os vasos de paredes rectas, em 16 fragmentos, e apenas 1 corresponderá a um vaso de colo (figuras 9, 10 e 11). Os vasos são, na sua grande maioria (89% do total), hemisféricos, esféricos e ovóides.

### Formas-tipologia



9. Formas – tipologia.

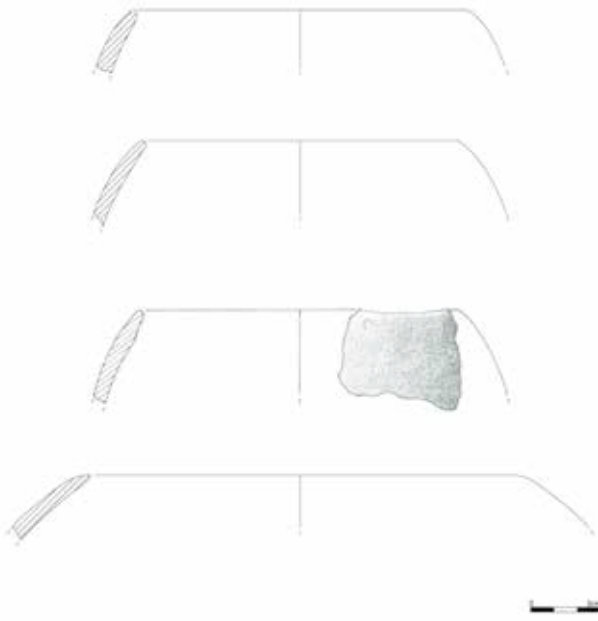
Dimensão	Formas abertas		Formas fechadas		Total (Nº e %)
	Diâmetro interno da abertura (cm)	Nº de Fragmentos	Diâmetro interno da abertura (cm)	Nº de Fragmentos	
Pequeno	≤ 9,9	3	≤ 9,9	3	6 – 6%
Médio	10-24,9	46	10-19,9	39	85 – 97%
Grande	≥ 25	12	≥ 20	7	19 – 17%
	<b>Total</b>	<b>61</b>	<b>Total</b>	<b>49</b>	<b>110 – 100%</b>

### 7. Dimensão dos recipientes.

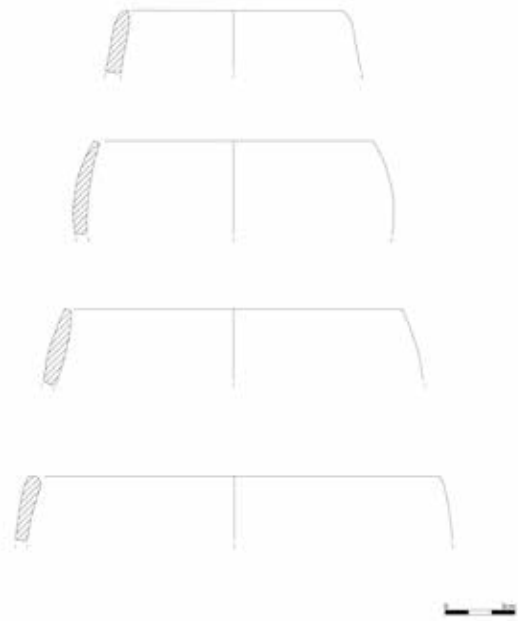
Espessura (mm)	4 - 4,9	5 - 5,9	6 - 6,9	7 - 7,9	8 - 8,9	9 - 9,9	10 - 10,9	11 - 15,9	Total
Nº de Fragmentos	13	42	75	51	27	16	13	5	242

### 8. Espessura dos bojos.

**Esférica**

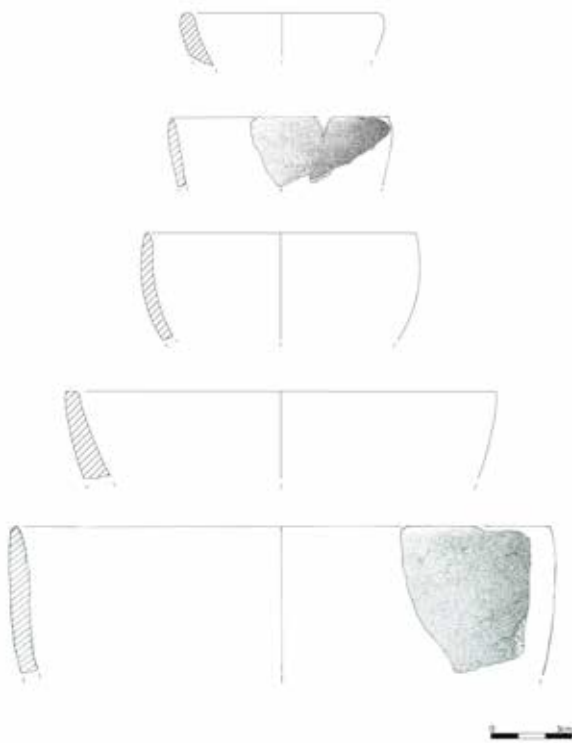


**Ovóide**



10. Monte da Foz 1. Principais tipos morfológicos – Formas fechadas.

**Hemisfera - Taça**



**Paredes rectas**



11. Monte da Foz 1. Principais tipos morfológicos – Formas abertas.

## FUNDOS

Registou-se um fragmento de base de recipiente, tratando-se de um fundo plano. A sua reduzida dimensão não permitiu a classificação tipológica do vaso a que terá pertencido.

## ELEMENTOS DE PREENSÃO E SUSPENSÃO

Registaram-se 3 vasos com mamilos e/ou pegas e uma asa, apresentando estados de conservação distintos. Os mamilos e pega surgem conservados e associados a fragmentos de recipiente, ao contrário da asa, que surge isolada.

## ASAS

Categoria representada por um único elemento, correspondendo a uma pequena asa em anel, em mau estado de conservação e desprovida de bordo ou bojo, dificultando a sua caracterização, designadamente no tipo de perfuração.

## PEGAS E MAMILOS

Recorrendo aos critérios definidos por M. Diniz relativamente aos conceitos de “mamilo” e “pega” (Diniz, 2007, p. 131), identificou-se uma pega e 2 mamilos.

A pega encontra-se associada a dois fragmentos de bordo do mesmo recipiente, localizando-se sobre o bordo. Detém uma forma cilíndrica e está associada a um sistema decorativo, a impressão. A pega foi aplicada a um esférico de média dimensão com paredes espessas.

Os mamilos surgem conservados em paredes de fragmentos de bordo. Tipologicamente, um dos exemplares corresponde uma forma cilíndrica, ficando o outro sem classificação formal, devido ao mau estado de conservação. Nos dois casos não há indícios de associação a sistemas decorativos, nem apresentam perfurações. Surgem associados a um recipiente hemisférico e a um ovóide, de média dimensão e com paredes de espessura média.

## PROCESSOS E SISTEMAS DECORATIVOS

O conjunto de fragmentos decorados não permite uma análise quantificada que capte uma eventual recorrência de sistemas e padrões decorativos que caracterizem o conjunto.

O reduzido número de fragmentos decorados limita o processo de análise a uma mera descrição dos motivos e da temática decorativa, caso a caso. A única exceção poderá estar presente no subconjunto de fragmentos com sulco abaixo do bordo.

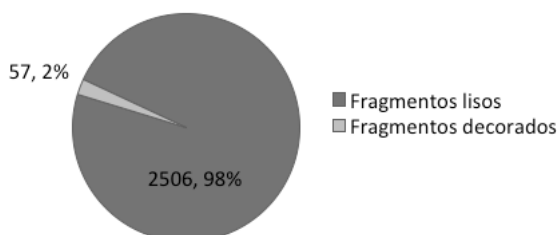
Do universo de 2 563 fragmentos recolhidos, apenas 57 apresentam-se decorados. Em termos percentuais, no total dos fragmentos, somente 2% receberam ornamentação. Esta diferença de valores estará relacionada com importância dos recipientes lisos no conjunto, mesmo admitindo que este número poderá ser também um indicador do espaço limitado do vaso que terá recebido decoração. De igual modo, no subconjunto dos fragmentos individualmente descritos, 57 apresentam decoração, em contraste com 185 de recipientes lisos (figuras 12 e 13).

Recorrendo, exclusivamente, ao universo dos bordos para aferir com maior rigor o peso, no conjunto, dos recipientes decorados e dos recipientes lisos, o cenário não se altera. Em 232 bordos, 182 não apresentam qualquer tipo de decoração, 2 possuem elementos de preensão ou suspensão e 48 apresentam-se decorados. Admitindo como condicionantes o facto de existirem muitos bordos lisos com dimensões muito reduzidas e que muitos deles podem ter pertencido a vasos decorados em outros espaços do recipiente, ainda assim, observa-se um claro desequilíbrio entre os bordos lisos e os bordos decorados.

## TÉCNICAS DECORATIVAS

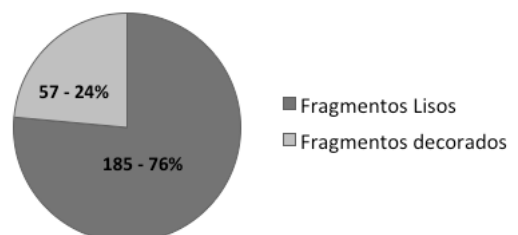
A técnica decorativa mais frequente é a incisa com 46 presenças, correspondendo a 81% dos exemplares decorados. A impressão registou-se em 9 peças e a combinação de técnicas, em que o mesmo recipiente foi decorado com motivos impressos e incisos, ocorre em 2 exemplares (figura 14).

**Fragmentos lisos e decorados no total do conjunto**



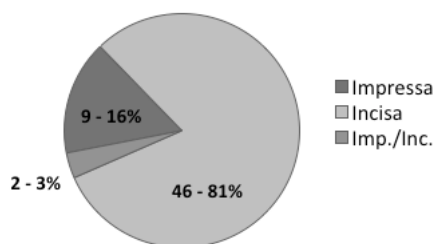
12. Fragmentos lisos e decorados no total do conjunto.

**Fragmentos lisos e decorados no conjunto dos fragmentos descritos**



13. Fragmentos lisos e decorados no conjunto dos fragmentos descritos.

### Técnicas decorativas



14. Técnicas decorativas.

A técnica da incisão, apesar de mais representada, demonstra pouca variabilidade temática. Dos 46 fragmentos exclusivamente incisivos, 39 correspondem, somente, a uma linha incisa, paralela ao bordo e logo abaixo deste, a uma distância que nunca ultrapassa os 10 mm. Este motivo decorativo, comumente denominado como sulco abaixo do bordo, parece ser o único motivo padronizado e recorrente no conjunto das cerâmicas decoradas, possuindo um significado crono-cultural específico (figuras 15 e 16).

Nos restantes 7 exemplares incisivos, 4 apresentam séries e fiadas de linhas paralelas entre si. Em 3 fragmentos, ocorrem motivos compostos por faixas limitadas por linhas incisivas, preenchidas por outras linhas oblíquas e paralelas entre si.

Embora o número de fragmentos decorados a impressão seja diminuto, observa-se uma variedade de matrizes aplicadas, na sua maioria, por punção individual. Em termos de disposição, observam-se motivos paralelos, perpendiculares e oblíquos, relativamente ao bordo e superfície do vaso.

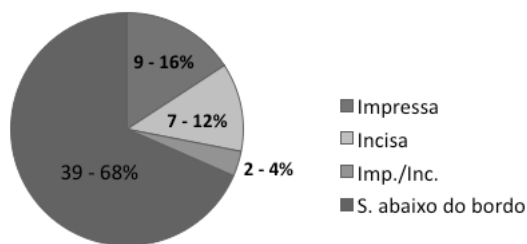
O emprego de motivos impressos apresenta alguma multiplicidade temática. A utilização da concha de berbigão (*Cerastoderma edule*) está patente em 2 recipientes e, em ambos, foi realizada com a parte dentada da concha. O padrão produzido, num dos casos, é simples, consistindo numa impressão pontual. No outro recipiente, observa-se uma fiada de 9 impressões individuais paralelas entre si e perpendiculares ao bordo. A fiada converge para um e.p.s.

A impressão oblíqua de punçamentos individuais, em fiada, de matriz simples, paralelos entre si e perpendiculares ao bordo está presente em 3 fragmentos. Num registo estilisticamente semelhante, surgem 2 exemplares que apresentam bandas paralelas e, num dos casos, junto ao bordo, constituída por sucessivas fiadas de impressões.

Um único exemplar regista a presença exclusiva de impressões a punção individual, de pequena dimensão, recortando a superfície do bordo.

Dois fragmentos registam a presença combinada da impressão e incisão, aplicadas no mesmo vaso. As impressões caracterizam-se por fiadas de punçamentos individuais de matriz simples, tanto no corpo da peça como na superfície do bordo. A incisão apresenta-se representada por linhas dispostas na diagonal e paralelas entre si (figura 17).

### Sulco abaixo do bordo no contexto dos fragmentos decorados



15. Sulco abaixo do bordo no contexto dos fragmentos decorados.

### LOCALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Todos os elementos cerâmicos foram decorados na superfície externa. Dos 48 bordos decorados, 47 revelam uma tendência para aplicação dos motivos numa área restrita do recipiente, logo abaixo do bordo. Esta situação é muito condicionada pela forte presença percentual do sulco abaixo do bordo, em 39 fragmentos. A única exceção é o bordo, unicamente, recortado na superfície. Nos restantes 9 exemplares decorados, torna-se inviável a aferição da sua precisa localização no corpo do vaso, visto tratarem-se de bojos. A baixa percentagem de bojos decorados e a propensão para a aplicação dos motivos decorativos em zonas próximas do bordo suscita questões relativamente ao elevado número de bojos lisos. Embora sem hipótese de o confirmar, haverá forte probabilidade de alguns bojos lisos pertencerem a recipientes decorados, alterando alguns dados percentuais apresentados.

Na técnica da incisão, os motivos decorativos apresentam-se, em grande parte, paralelos ao bordo, correspondendo a única exceção o bordo que apresenta a combinação desta técnica com a impressão. Neste caso, as linhas incisivas apresentam-se ligeiramente perpendiculares à abertura do vaso.

Nas cerâmicas impressas, embora a disposição das fiadas seja paralela ao bordo, os motivos são aplicados de forma perpendicular.

### CERÂMICA DO MONTE DA FOZ 1 – FUTURAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

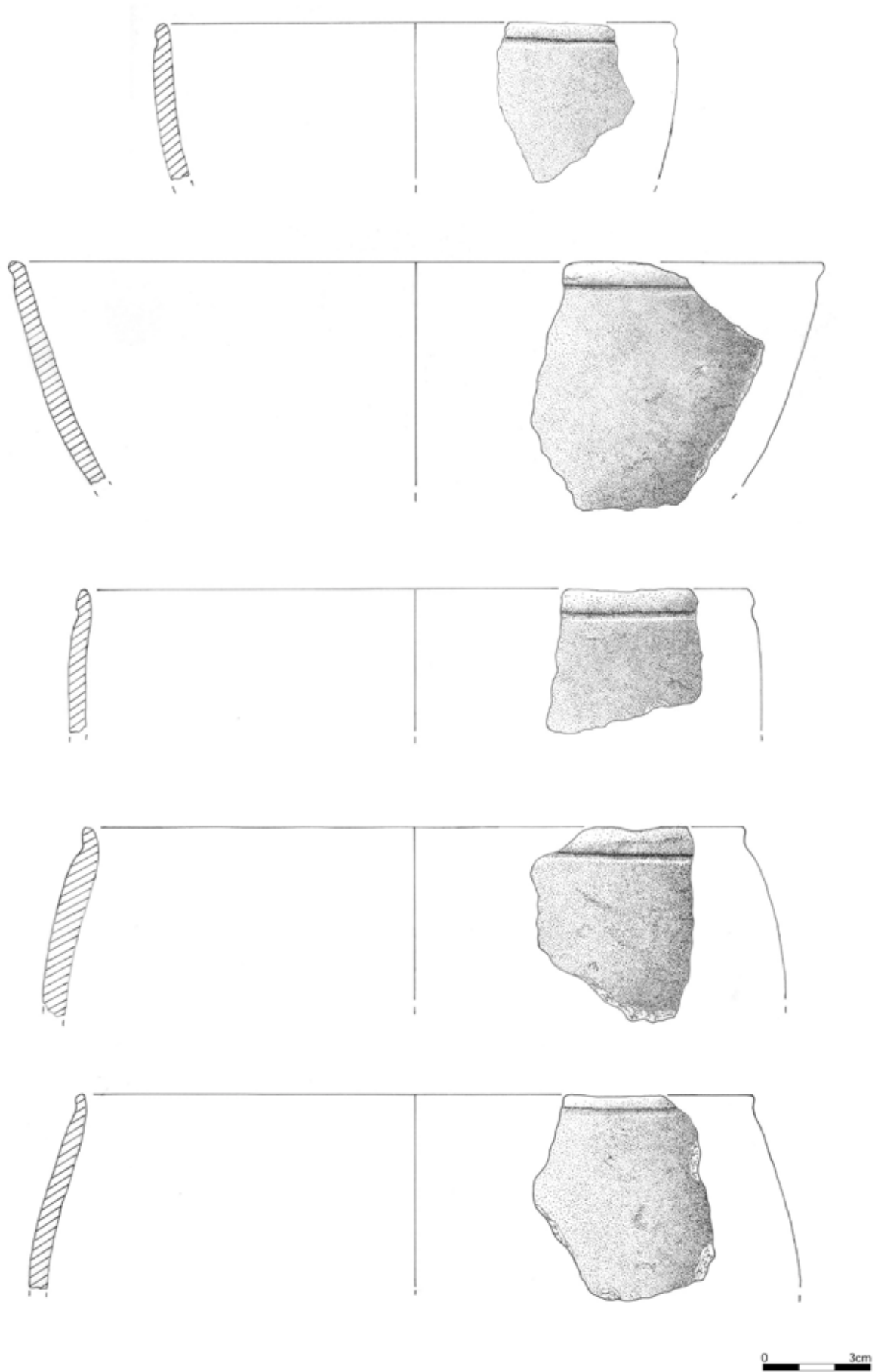
O estudo do conjunto cerâmico do Monte da Foz 1 não se esgota na leitura produzida, havendo, ainda, campos de análise a explorar no sentido de potenciar todos os seus recursos informativos.

O discurso daqui resultante tem, assumidamente, uma vinculada componente tecno-tipológica que visava a caracterização do conjunto, no sentido de captar o espaço cronológico<sup>1</sup> e os subsistemas económicos e sociais da comunidade que o produziu.

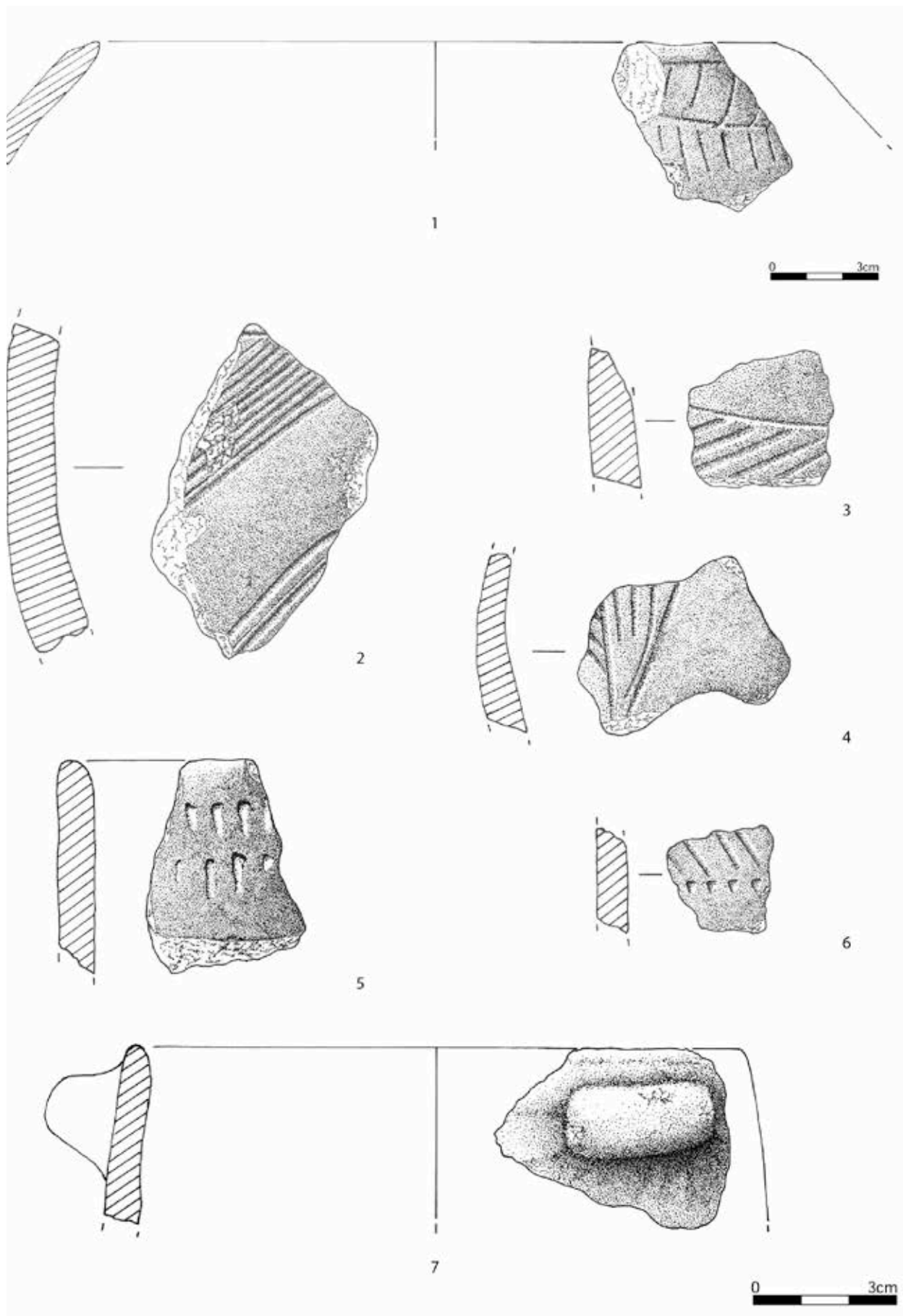
Neste sentido, a adopção de uma grelha de análise mais abrangente que abarque contributos de áreas disciplinares distintas já está em curso, através da integração

1. A interpretação cronológica partindo deste conjunto cerâmico já foi anteriormente discutida (Neves, 2015a e 2015b).





16. Monte da Foz 1. Recipientes decorados com sulco abaixo do bordo.



17. Monte da Foz 1. 1-4: Recipientes com decoração incisa; 5: Decoração impressa; 6: Decoração compósita – incisa/impressa; 7: Aplicação de e.p.s.

de elementos do Monte da Foz 1 no projecto de investigação CerAM, coordenado por Miriam Cubas e que visa compreender, mediante uma forte componente arqueométrica, o papel da cerâmica nas primeiras práticas agrícolas na Europa Atlântica.

Perante o reduzido número de leituras produzidas sobre a 2.<sup>a</sup> metade do 5.<sup>o</sup> milénio, os dados do Monte da Foz 1 contribuem fortemente para o aumento da base empírica desta fase (passagem Neolítico antigo/Neolítico médio), ainda longe da sua definição.

O conjunto muito estilizado e coerente do Monte da Foz 1 será, unicamente, representativo da sua natureza e contexto ocupacional. À dimensão reduzida do conjunto, alia-se a padronização da dimensão dos contentores, convergindo para uma ocupação de curta duração e num único espaço temporal. Os elementos deste conjunto definem, acima de tudo, uma determinada tipologia funcional de habitat, estratégia ocupacional e subsistema económico, não sendo seguro que possa representar a produção cerâmica de todo este momento crono-cultural.

---

## BIBLIOGRAFIA

- CARO BELLIDO, A. (2002) – *Ensayo sobre Cerâmica en Arqueología*. Sevilla: Agrija Ediciones.
- CARVALHO, A. (2007) – *A Neolitização do Portugal Meridional: os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Tese de Doutoramento).
- CUBAS, M. (2011) – *La aparición de la tecnología cerámica en la región cantábrica*. Santander: Universidad de Cantabria (Tese de Doutoramento).
- DAVEAU, S. (1980) – Espaço e Tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio*, 2, p. 13-37.
- DINIZ, M. (2007) – *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 48).
- EIROA GARCÍA, J.; BACHILLER GIL, J.; CASTRO PÉREZ, L.; LOMBA MAURANDI, J. (1999) – *Nociones de tecnología y tipología en Prehistoria*. Barcelona: Editorial Ariel.
- GONÇALVES, V. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*. Lisboa: CAH/UNIARQ/INIC (Estudos e Memórias, 2).
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2011) – *Pensar o Neolítico Antigo. Contributo para o Estudo do Norte de Portugal entre o VII e o V Milénios a.C.* Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta (Estudos Pré-Históricos, XVI).
- NEVES, C. (2010) – *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da Neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de Mestrado).
- NEVES, C. (2015a) – A cerâmica decorada com sulco abaixo do bordo do sítio neolítico do Monte da Foz 1 (Benavente, Portugal). In SAÉZ DE LA FUENTE, I.; TEJERIZO GARCÍA, C.; ELORZA GONZÁLEZ DE ALAIZA, L.; HERNÁNDEZ BELLOQUI, B.; HERNANDO ÁLVAREZ, C., coords., *Arqueologías sociales. Arqueología en sociedad. Actas de las VII Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica*. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte, p. 458-465.
- NEVES, C. (2015b) – A 2.<sup>a</sup> metade do V Milénio no Ocidente Peninsular: algumas problemáticas a partir da cultura material. In GONÇALVES, V.; DINIZ, M.; SOUSA, A., eds., 5.<sup>o</sup> Congresso do Neolítico Peninsular. *Actas*. Lisboa: UNIARQ, p. 314-321.
- SERONIE-VIVIEN, M. (1982) – *Introduction à l'étude des poteries pré-historiques*. Bordeaux: Siege Social.
- SILVA, C.; SOARES, J. (1976-1977) – Contribuição para o conhecimento dos Povoamentos Calcólíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, II-III, p. 179-272.
- SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferim, Sintra. Contribuições para o estudo da Neolitização da Península de Lisboa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 12).
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. (1968) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 31- C. Escala 1/50 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.